ENTREVISTA

Crer Para Ver: Novos Caminhos Para a Avaliação*

Carlos Alberto Serpa de Oliveira

A FUNDAÇÃO CESGRANRIO está comemorando 25 anos. Ensaio, naturalmente, tem participado das comemorações por meio da reprogramação gráfica já adotada no número anterior, de editoriais e, agora, da introdução de entrevistas. Desse modo, a revista mantém a tradição da casa de unir continuidade e inovação, com o máximo de flexibilidade. A reprogramação tem o objetivo de melhorar a legibilidade dos textos publicados. Os editoriais visam discutir a realidade e a situação da educação brasileira em geral e os rumos tomados e as posições assumidas pela CESGRANRIO. As entrevistas pretendem ouvir principalmente personalidades dos meios educacionais ou políticos a fim de conhecer e compreender, por exemplo, as razões para determinada orientação ou os antecedentes de uma medida.

O primeiro entrevistado de Ensaio é o Prof. Carlos Alberto Serpa de Oliveira, representante da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro no Conselho Diretor e Presidente da FUNDAÇÃO CESGRANRIO desde a sua criação. Nessa condição e com essas credenciais, o Prof. Serpa, como é conhecido nacionalmente, aponta tendências importantes no mundo e na educação atual, recapitula um pouco da história da Fundação e anuncia novos caminhos para a avaliação.

O Prof. Serpa também é Presidente da Academia Brasileira de Educação e da Academia Internacional de Educação e membro da Câmara de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação. Graduado em Engenharia Industrial e Metalúrgica pela PUC/RJ, foi professor, Vice-Reitor Administrativo e Reitor Interino dessa mesma Universidade. E, entre outras funções no campo da educação, exerceu os cargos de Assessor Técnico e de Assessor Especial do Ministério da Educação e do Desporto e de membro do Conselho de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

* Entrevista realizada em 25 de setembro de 1997 por Fátima Cunha Ferreira Pinto e Jorge Ferreira da Silva.

Ensaio: *Neste ano em que se comemora o jubileu de prata da Fundação CESGRANRIO, a revista gostaria de ouvi-lo, inicialmente, sobre a história desta casa. Como nasceu, assim, a CESGRANRIO? Aliás, de onde vem o nome?*

Prof. Carlos Alberto Serpa de Oliveira: A Fundação CESGRANRIO nasceu de uma associação pioneira das principais instituições de ensino superior do Rio de Janeiro. Há 25 anos, os tempos não eram dos mais fáceis. Mas uma plêiade de autoridades — principalmente o grande educador Prof. Newton Sucupira, o Ministro da Educação Jarbas Passarinho —, os reitores das grandes universidades e dirigentes de entidades caracteristicamente inovadoras se deram conta de que o processo de desenvolvimento iniciado na virada dos anos 50 para a década de 60 não podia continuar baseado na mão-de-obra desqualificada e barata. Segundo definição do governo federal, eram, então, áreas prioritárias a saúde, a educação, a ciência e tecnologia e a formação de professores. Precisava-se urgentemente de ensino avançado e de pesquisa que pudessem viabilizar e garantir as modificações profundas que se acreditavam necessárias.

Isso coincidia com uma forte pressão para a abertura dos cursos superiores a mais estudantes. Com medidas de ampliação do número de vagas e novas sistemáticas de exame vestibular, de um momento para outro passamos de pouco mais de 100 mil alunos para um milhão e, sem demora, para o milhão e setecentos mil que temos hoje.

A articulação entre a União e as instituições de ensino e destas entre si ocorreu, portanto, num clima crítico, sob demandas de vários tipos, políticas, econômicas, sociais e acadêmicas. Creio que, felizmente, superamos com sucesso esse estágio ao adotar o vestibular unificado e dar os primeiros passos para a criação e a expansão da pós-graduação.

Para o vestibular, foi criado, no final de 1971, o Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio — daí a sigla CESGRANRIO —, com vistas a realizar exames criteriosamente programados e que permitissem um melhor aproveitamento de vagas. O êxito alcançado nos vestibulares de 72 e 73 levou as entidades signatárias do convênio original a logo transformarem o Centro numa fundação privada autônoma e auto-sustentável, que se dedicasse permanentemente à organização dos exames de acesso à educação superior e atividades correlatas. Surgiu, assim, em 1973, a atual Fundação CESGRANRIO.

Ensaio: *Que objetivos, ou, melhor, que valores orientaram nos primeiros momentos e continuam orientando a atuação da CESGRANRIO?*

Professor Serpa: Desde o começo, a CESGRANRIO tem tido a preocupação de contribuir para a formação de uma elite intelectual e não para o surgimento de uma elite social fundada em critérios econômicos ou mesmo políticos. Lado a lado com esse objetivo — melhor dizendo, com esse verdadeiro valor institucional —, desde os primeiros anos a Fundação também realiza pesquisas acadêmicas, sócio-eco-

nômicas e culturais, que orientam ou reorientam os seus trabalhos, e apóia de diversas maneiras e por diferentes projetos o aperfeiçoamento das escolas fundamentais e de nível médio.

De fato, há muito tempo a CESGRANRIO não se restringe só ao vestibular e, entre outras atividades, atua junto à sociedade, como um todo, e às famílias para que se propicie uma nova ambiência cultural, e junto às autoridades para que se introduzam novas políticas educacionais e se aperfeiçoem as ações nesse sentido tanto dos órgãos públicos como das próprias instituições de ensino.

Da nossa parte, já no final da década de 70, inovamos adotando o primeiro programa com base em objetivos comportamentais. O que se constituíra em um sucesso nacional. Já nos anos 90 nos convencemos de que não basta cuidar apenas do ensino médio, é necessário atuar igualmente no nível fundamental repensando-o e qualificando-o. As prioridades em nossos dias, como vem sendo apontado insistentemente a partir das investigações de Sérgio Costa Ribeiro, meu querido amigo, recentemente falecido, e antigo integrante da equipe da CESGRANRIO, dirigem-se para a educação básica.

Embora desejando que, nos investimentos e demais medidas que sejam adotadas, isso não signifique prejuízo para a educação superior, temos que reconhecer francamente que o quadro das necessidades educacionais brasileiras agravou-se dramaticamente e exige uma atenção imediata para os problemas do nível fundamental. É desagradavelmente verdadeiro que aí se encontra o nosso maior desafio. Por isso, as justas demandas de uma melhor formação docente, as sucessivas solitações de educação continuada adequada à realidade e exigências do desenvolvimento e o clamor por condições de trabalho e de remuneração condignas, que motivem e estimulem os professores em exercício e atraiam para o magistério o talento das novas gerações.

Ensaio: *Por que e em que momento a CESGRANRIO entrou na área da avaliação e que posição ela espera ocupar nesse cenário?*

Prof. Serpa: Foi uma consequência do trabalho sério e inovador que desenvolvemos nos anos 70 e 80 na área de medidas educacionais e da oportunidade de aplicar os resultados de nossas pesquisas. Chegamos sem grande demora a um ponto em que se fazia imprescindível uma transformação. É assim que, essencialmente no ano de 1990, nasce o Centro de Avaliação, para o qual atraímos colegas e profissionais de várias áreas, afinados com a filosofia que norteia a Fundação com formação igual ou parecida com a nossa, quer dizer, pessoas de cursos diferentes, mas cheias de iniciativa e irmanadas no interesse de trabalhar especificamente em avaliação. Começamos a nos preocupar séria e continuamente com a capacitação de mais profissionais e técnicos nesse campo.

Exatamente nesse momento, começamos a planejar como seria introduzida a nova linha de ação e a definir o futuro da Fundação daí por diante. Numa visão, digamos, estratégica, deixaríamos de atu-

ar de forma exclusiva numa linha e passaríamos a atuar em outras. Assim sendo, continuaríamos, por um lado, a desenvolver e realizar testes e concursos públicos, que já nos haviam granjeado respeito até no exterior, e entraríamos, por outro, decididamente na área da avaliação, aplicando a princípio todo o *know how* acumulado pela casa. A intenção era e ainda é atuar com base numa estreita articulação entre os dois setores, de tal forma que se alimentassem e se beneficiassem mutuamente em seu desenvolvimento e avanços.

Primeiramente, a CESGRANRIO se dedicou a trabalhos de avaliação qualitativa, abrindo o leque de atividades. Era uma novidade. Até ali, a Fundação tinha realizado quase que exclusivamente avaliações quantitativas. E começou a atuar não só no campo educacional, mas também no social, realizando uma pesquisa e propondo políticas e soluções para os problemas dos menores abandonados.

Ensaio: *Como uma mudança de tal porte poderia ser explicada?*

Prof. Serpa: Na verdade, a CESGRANRIO foi descobrindo que a sua vocação é trabalhar com o homem e para o homem, através da verificação, estudos e discussões sobre como se processa a sua formação.

E avaliar nada mais é do que indicar quais são os ingredientes. Em Química, dizemos quais são os elementos a serem colocados numa reação para produzir a melhor possibilidade possível (sem jogo de palavras ...) na equação. É o que se chama catalisar. Quando se coloca o catalisador numa reação, o que se procura é otimizá-la. O objetivo da avaliação é descobrir como é o processo formativo em curso ou em andamento, identificar as suas imperfeições e recorrer a um catalisador para atingir a transformação desejada.

Ensaio: *Hoje, em face do impacto da globalização, que motivação deve nortear os trabalhos e propostas daqui para a frente?*

Prof. Serpa: Não é novidade para ninguém que a globalização chegou quase de repente, com desafios que apanharam o Brasil meio despreparado. Diante dos desafios, poucos setores estavam mais mal preparados do que a educação.

Para dizer a verdade, a globalização pegou despreparada a educação em todo o mundo. Mas, em nosso país, estávamos particularmente despreparados, com uma educação que já não tinha conseguido formar as pessoas para a criação das tecnologias de ponta, requeridas para o desenvolvimento, nem uma população plenamente educada para beneficiar-se ou consumir os frutos desse desenvolvimento. Se isso não havia sido conseguido pelo Brasil na época da sociedade industrial, o que dizer então com o advento do mundo global, que exigia a ultrapassassagem dessa etapa e um salto bem maior do que o que anteriormente dado.

Surgiram, então, entre nós, as noções de educação permanente e a consciência da inutilidade de uma formação demorada e supostamente definitiva. As forma-

ções, digamos, prontas e acabadas cairam por terra como que de repente. Certamente isso explica que por toda parte as corporações, inclusive os sindicatos, tenham começado repentinamente a se deteriorar e a parecerem não mais unidas em torno de objetivos comuns.

Ensaio: *No contexto atual, que papel cabe à avaliação?*

Prof. Serpa: Os novos paradigmas exigem uma transformação total. E nesse contexto a avaliação entra como um instrumento capaz não só de apontar soluções e de servir de ponto de partida para a proposição de políticas, formas de atuação e ações concretas, mas também como base para a superação dos grandes desafios da eficiência, da eficácia, da qualidade e até da responsabilidade social. Sem dúvida, graças à avaliação é possível detectar desigualdades como nada mais detectaria. Em conseqüência, não há mais a possibilidade de atuar, mesmo nas áreas sociais, sem ser na perspectiva da eficácia e da eficiência. Os recursos passam a ser cada vez menores e os desafios, cada vez maiores.

Essa situação faz com que a avaliação seja olhada e usada com outros objetivos, para que se chegue a novas realidades. Passa-se, no primeiro mundo, por exemplo, a substituir o diploma por uma certificação profissional, o que no Brasil se coloca com a criação dos "provões". E nota-se um crescente interesse pela acreditação, que se destina precisamente à aferição pela sociedade dos serviços que a própria sociedade lhe presta.

O fato é que o mundo empresarial já está exportando para o da formação de mão-de-obra ou da formação especializada as noções e informações sobre a qualidade que vêm inspirando o sistema ISO, embora as ISOs que estão começando a chegar ainda não se apliquem, senão superficialmente, à educação e ao campo social em geral. Ocorre que não se pode mais deixar de informar à população se os profissionais a seu dispor são bons ou maus e espera-se que o governo e o setor privado, quando ofereçam serviços em nome da sociedade, disponham de mecanismos de aferição da eficácia e qualidade daquilo que estão fazendo.

Isso significa inegavelmente a saída de uma estrutura concentrada para uma estrutura descentralizada e democratizada, em que a informação à disposição da sociedade gera a permanência ou não das instituições. E também a garantia de que os próprios avaliadores não se considerem nem sejam encarados como autoridades acima do bem e do mal. Eles podem, devem ser e acabam sendo, eles próprios, objeto também de avaliação.

Dessa maneira, a avaliação externa e a auto-avaliação passam a ser absolutamente interligadas, numa articulação difícil de romper. Uma não tem sentido sem a outra.

Ensaio: *Esse entendimento impõe ou significa alguma mudança de rumo para a CESGRANRIO?*

Prof. Serpa: A CESGRANRIO já se encontra no caminho da certificação ocupacional, visando o seu desenvolvimento,

de início, na área da saúde, na área tecnológica e na área de administração. Por princípio, todos os nossos esforços nessa direção estão sendo realizados em associação com os conselhos regionais e as entidades de classe mais atualizadas e menos corporativas, e respeitam sempre o desejo da universidade de formar os estudantes não através de currículos mínimos (que já morreram com a nova LDB) ou certificados enquadrados dentro de créditos, horas ou disciplinas, mas, sobretudo, em relação às necessidades individuais e da sociedade. Felizmente, tais conselhos e organizações já entendem claramente que o diploma está perdendo gradativamente o valor, e as universidades reconhecem ser preciso atender a essas necessidades de maneira cada vez mais menos cartorial.

Ensaio: *Toda a motivação para a certificação está referida ao ensino. Partindo de que também seria oportuna a reorientação da pesquisa, quais seriam as suas recomendações?*

Prof. Serpa: A pesquisa é, por natureza, uma atividade permanente e demorada, que busca o novo para a solução dos velhos problemas. Não é uma coisa de resultados imediatos.

Apesar da compreensão de que ela é inerente à própria universidade, estou seguro de que o valor intrínseco de cada investigação é muito menor do que o valor decorrente do estabelecimento, da institucionalização da pesquisa. É muito mais importante que uma universidade, como um todo, tenha a mentalidade da pesquisa do que organizar pesquisas específicas, ainda que de grande interesse. O importante é que todos os campos do saber da instituição se voltem para a pesquisa. Com isso podem e vão acontecer avanços muito significativos.

O Brasil, por exemplo, enfrenta, hoje, mais uma vez, a questão das ilhas de excelência. Essas ilhas são grupos de pesquisadores, em algumas instituições do país, que contam com bons equipamentos e condições de trabalho, mesmo fazendo coisas semelhantes. Com a tecnologia moderna, a possibilidade das redes e a criação mais facilitada, tais grupos podem quase que trabalhar juntos em torno de determinados campos do saber. Evitar-se-ão, assim, perdas de tempo e serão quebrados alguns monopólios, pois não temos tempo para perder nem convém concentrar a produção de saber.

Ensaio: *Não há aí uma implicação problemática, diante do princípio tradicional de integração entre o ensino e a pesquisa?*

Prof. Serpa: Creio que a indissolubilidade ensino-pesquisa constitui inegavelmente um equívoco. É ledo engano pensar que é possível somente ensinar, sem pesquisar. Acontece que a pesquisa ligada ao ensino nada tem a ver com a pesquisa científica e duradoura, a que antes me referi, e que muitas vezes só vai refletir no ensino a médio prazo de pelo menos cinco anos. Esta não é a pesquisa que imediatamente interfere ou é aproveitada no ensino, como é o caso da pesquisa aplicada e da pesquisa inerente ao exercício ou ao próprio aprendizado de determinadas ocupações ou profissões.

Por exemplo, a pesquisa da UFRJ para produzir tecnologia de perfuração de petróleo juntamente com a Petrobrás, algo que economizou divisas de grande monta ao país e que por si só justificava a existência da mesma Universidade, tem interferência direta no ensino. Aquilo que a UFRJ eventualmente descobriu em laboratório e foi imediatamente empregado em campo pela Petrobrás, com uma velocidade incrível, na mesma hora, se incorpora nos programas e atividades de ensino da universidade. Com certeza, há outros esforços cujas aplicações demoram bem mais a serem incorporadas a uma determinada utilização e, portanto, não se refletem logo no ensino.

Por razões como essas é que deve ser entendida em termos a afirmação de que não é preciso pesquisa nos centros de educação superior. O que não se precisa é demonstrar que existe a pesquisa institucionalizada. Esclareça-se de uma vez que, ao contrário do que alguns dizem, não é proibida a pesquisa, coisa praticamente impossível, visto haver alguns tipos de ensino que são impensáveis sem investigação. O que não se faz necessário é uma estrutura de pesquisa montada e institucionalizada dentro dessas instituições.

Não se pretende que os centros universitários sejam um degrau obrigatório para a criação, no futuro, de uma universidade, mas que ocupem o seu lugar ao lado das universidades. A universidade e o centro são instituições conceitualmente distintas, com missões, prioridades e atividades diferentes. A universidade vai ter de mesclar o ensino com a pesquisa a que antes fiz referência. Os centros não, pois sua missão é formar em alto nível uma geração de profissionais e professores para atender a determinados reclamos do país. Neste e naquele caso, certamente se espera excelência na formação.

Ensaio: *Dessa diferenciação, o que se pode extrair para a formação ou a educação continuada dos professores?*

Prof. Serpa: Limitando minha resposta aos planos da CESGRANRIO, considero que o esforço em torno da avaliação está longe de chegar ao que desejamos, porque, primeiramente, temos que formar mais avaliadores. Nosso propósito é a articulação com as universidades e a formação para área da avaliação, através do *lato sensu*, mestrado ou do doutorado, de pessoal de várias origens. Essa seria a nossa primeira contribuição futura para a melhoria da formação de professores.

Num sentido mais amplo, a prioridade deveria ser uma urgente mudança dos currículos para o exercício do magistério. Nisso se incluiria a eliminação completa da noção de currículo mínimo e de seus resquícios. Vejo como um grave erro qualquer medida que leve todos os indivíduos a se formarem conforme um mínimo igual ou comum. As pessoas, hoje, têm que dominar uma coletânea de temas e de instrumentos que lhes forneçam condições para tocar várias músicas. É o que está faltando na formação prévia dos professores. Por isso, fala-se agora muito mais em diretrizes do que em currículos, já que o conceito de diretriz é mais aberto. E o CNE está em vias de concebê-las e estimular o estabelecimento das mesmas.

Ensaio: *Como essas idéias têm repercutido em termos de governo ?*

Prof. Serpa: Aqui e ali, há alguma resistência a basear a política educacional nos resultados das avaliações. Talvez por falta de hábito e porque, sem dúvida, as informações ainda são muito escassas.

Não podemos esquecer que a avaliação é novidade para o próprio país. Ninguém de bom senso entenderia a formulação, digamos, de uma política para cursos seqüenciais ou uma política para a criação de centros universitários ou, mesmo, uma política de educação continuada no nível do ensino superior sem pressupor obrigatoriamente a avaliação. Não se admite mais ignorar o que se faz em avaliação porque ela, além de tudo, tem a vantagem da rapidez. Antigamente levava-se cinco anos para saber o que havia acontecido. Hoje, em dois anos somos capazes de dispor de uma sinalização que indique se estamos indo ou não em determinada direção e se vamos bem ou mal.

Tenho a convicção, porém, de que se vai desembocar nisso. Talvez esteja faltando uma inter-relação maior, mais intensa e mais freqüente entre o MEC e Conselho Nacional de Educação. A propósito, julgo de grande sabedoria que o MEC não se envolva diretamente na execução da avaliação. O Ministério deve-se dedicar exclusivamente ao trabalho de formulação, monitoramento e revisão da chamada grande política.

Enquanto o MEC está assumindo progressivamente essa posição, o Conselho, em parte por excesso de trabalho cartorial, tem dedicado pouco tempo às questões substantivas. O ponto positivo é que o CNE vem reagindo a essa situação e se empenha por mudá-la urgentemente. Um dos melhores exemplos nesse sentido, aliás, são as audiências públicas a que o Conselho recorre sabiamente, procurando evitar a definição de qualquer política sem ouvir as soluções defendidas pelos especialistas e as preferências dos professores e ponderar cuidadosamente suas possíveis implicações.

Ensaio: *Seria correto entender que o que a situação está impondo para a CESGRANRIO e, de fato, indiretamente, para o Brasil não é que tenhamos que ver para crer, mas que tenhamos que crer para ver?*

Prof. Serpa: Seria, com certeza. E, felizmente, tanto num como no outro caso, as sementes já foram plantadas.